

Autoras:

Aline Lemos da Cunha

Doutoranda em Educação - Bolsista do CNPq – Brasil

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Endereço: Caramuru, 286 – Bairro Cidade Nova – Rio Grande – RS.

Fone: 53 32312560 / 51 92272039

alinecunha29@gmail.com

Não associada à SBEC.

Edla Eggert

Doutora em Teologia

Prof^ª. Titular do PPGEdU/UNISINOS – Orientadora deste trabalho e do projeto de tese.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

End. Profissional: Av. Unisinos, 950 – Bairro Cristo Rei – São Leopoldo – RS.

End. Pessoal: Delfino Riet, 500 – Bairro Santo Antônio – Porto Alegre – RS.

Fone: 51 3591 1122

edla@unisinos.br

Sócia da SBEC.

A EDUCAÇÃO DE MULHERES ATRAVÉS DO COTIDIANO DO TRABALHO MANUAL: “CIMARRONAS” NO SURINAME E “NEGRAS” NO BRASIL – (DES)CASOS

Aline Lemos da Cunha
Edla Eggert

Podemos dizer que é visível uma divisão social do trabalho para além da classe, permeada por uma divisão sexual, ou seja, atividades “naturalmente” destinadas aos homens e às mulheres. Nesse sentido, também é possível perceber que algumas atividades são destinadas às mulheres e são invisibilizadas ou ainda, tidas como secundárias, menos importantes. Apresentamos um estudo comparativo sobre as formas de ensinar e aprender, protagonizadas por mulheres em coletivos não-escolares, em atividades cotidianas de trabalho manual, não-remunerado. Para tanto, recorremos a um estudo sobre um contexto vivido por mulheres “cimarronas” no Suriname e por um grupo de mulheres negras no Brasil. Sobre as primeiras, destacamos o caráter formador da arte “cimarrona” na vivência das mulheres, no sentido de produzir identidades negras, frutos da diáspora, no referido país. Os “cimarrones” são descendentes de africanos que se libertaram da escravidão, lutando em uma guerra por emancipação que durou 100 anos e que se mantiveram como sociedades relativamente independentes até a assinatura dos tratados de paz em 1762. Esta população se divide em seis grupos (BARTRA, 2004), mas aqui trataremos especificamente de um deles, os *saramakas*.

No Brasil, foram escolhidas mulheres negras que vivem no sul do Rio Grande do Sul. Essas mulheres compõem um grupo focal formado a partir da temática central de um projeto de tese de Doutorado em Educação realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, o qual tem como tema: *Pedagogias da não-formalidade (re)inventadas por mulheres negras trabalhadoras a partir de sua produção manual e a busca por autonomia e emancipação*¹.

No caso brasileiro, a luta por libertação ocorreu por meio de comunidades quilombolas formadas por negros fugitivos. Até hoje, seus descendentes reivindicam a demarcação e escritura de suas terras. Poém, a maioria dos afrodescendentes brasileiros, diferente do caso surinamense, habitam regiões urbanas. Sendo assim, as mulheres que

¹ Projeto de tese elaborado por Aline Lemos da Cunha, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Edla Eggert. Fomento: CNPq – Brasil.

compõem o referido grupo focal, são residentes na periferia da cidade do Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil, em um bairro historicamente reconhecido como um “bairro negro”.

No âmbito dos trabalhos manuais, é possível perceber que, muito da cultura africana se perdeu ao longo do tempo, provocado pelo fato de as mulheres negras escravas, terem sido impedidas de dedicarem-se a tais artes, a fim de aprimorar-se naquilo que lhes era imposto: o trabalho doméstico. Aqui no Brasil, os trabalhos manuais com o enfoque no bordado e na costura, eram dedicados, quase que exclusivamente, às *sinhás* (proprietárias, esposas de senhores de engenho).

No caso surinamense e no brasileiro, a influência européia sobre a produção manual feminina é bastante visível, porém, longe de significar mais uma marca da opressão, pode se tornar uma forma de buscar sua autonomia. As mulheres “cimarronas” no Suriname, durante um bom tempo, dedicaram-se ao “ponto-de-cruz”, conhecimento trazido por missionárias européias. Elí Bartra (2004), ao ter contato com um grupo de “cimarronas” nos anos 70, considerou que “se habían vendido irremisiblemente al mundo occidental” (p.29). Retornando ao grupo nos anos 90, percebeu que as mulheres estavam produzindo de uma forma totalmente diferente, mais livre e exuberante. Agora, passavam a trabalhar com *apliqués* invertidos, uma espécie de “colagem” sobre panos e, bordados. Mesmo em uma cultura tradicional, existiam “modas cambiantes” (BARTRA, 2004).

Durante as aproximações ao objeto de estudo, os primeiros encontros com as mulheres geraram uma percepção semelhante. Ao serem questionadas sobre o que gostariam de aprender durante as oficinas de artesanato, prontamente citaram o crochê e o tricô. Num primeiro momento, cheguei a pensar que não seria adequado o aprendizado de tais artes em uma proposta de estudo com o recorte étnico escolhido. Porém, ao mesmo tempo surgiram alguns questionamentos: mas que tipo de atividade artesanal, no sul do Rio Grande do Sul é “totalmente negra”? Qual a forma pura? Existem essas formas? Que originalidade é esta? As mulheres haviam manifestado tal desejo, possivelmente, porque, revivendo de outras maneiras a situação de trabalhadoras escravas no século XIX, haviam se aprimorado em outras atividades. Nos seus relatos, ficou visível que o que sabem fazer bem, segundo elas, é: lavar, passar, cozinhar, cuidar de crianças, trançar cabelos e fazer limpeza. Mesmo que este seja um conhecimento que permeia o universo feminino ultrapassando a questão étnica, parece haver, muitas das vezes, uma impossibilidade de

conciliar produção artesanal e trabalho doméstico, quando nos referimos a este grupo específico (o das mulheres negras).

Nesses encontros com essas mulheres foi possível perceber que o conhecimento de tais técnicas de trabalho artesanal, era visto como possibilidade de aumentar sua renda, dada a grande aceitação dos produtos deste tipo de confecção. Por outro lado, era inquietante a invisibilização de algumas formas de produção artesanal, sendo por isso buscadas, outras manifestações. Até que foi encontrada uma artesã, que se auto-declarou negra, a qual conhece outras maneiras de tramar com lã e linha. Substituindo o crochê tradicional (com agulha), passamos a “descobrir” e “reinventar” o crochê de grampo (artefato de madeira ou metal que lembra um “U”); ao invés de “tricotar” com agulhas, passamos ao tricô de pregos.

Mesmo sem fazer nesse momento um estudo sobre as origens de tais formas de tecer, observamos que o crochê de grampo é remetido aos grampos de cabelo em forma de U, usados por mulheres em culturas orientais, os quais também servem para tecer. Em 1976, no Rio Grande do Sul, o crochê de grampo mudou seu nome para *Grampada*, porque passou a ser confeccionada no tear. Hoje, a técnica encontra-se em extinção e há muitos anos não é produzida para o comércio, porém, tal técnica foi resgatada na “Costa Doce”, em cidades como Arambaré, Camaquã e Tapes no Rio Grande do Sul, por mulheres que compõem a *Cooperativa Regional Crocheteiras da Costa Doce*. O tricô em pregos ou tear de pregos é uma variação do tear convencional, segundo o que tive acesso até o momento.

Dada à complexidade de tais atividades, as mulheres que se envolvem nestas práticas produzem muito conhecimento, porém, não sistematizados, tornam-se invisibilizados mesmo que desempenhem, em suas vidas, um papel primordial. As “cimarronas” pesquisadas pela mexicana Elí Bartra e as mulheres do grupo que compõe a empiria da referida pesquisa de doutorado, por vezes, possuem conhecimentos que não conseguem vislumbrar de forma ampla, o quanto sabem e podem transmitir. No caso das “cimarronas” a produção artesanal significa uma forma de manifestar-se no mundo. Diferente dos homens deste grupo, sua arte não segue padrões preestabelecidos ou rígidas formações simétricas. As mulheres aplicam a seu gosto e critério e, mesmo aparentemente “sem sentido”, as formas compostas carregam uma beleza singular e harmoniosa. Comprovam, em sua arte, que a rigidez empreendida pela lógica patriarcal pode ser superada. Também, as mulheres negras no Brasil, reinventam antigos conceitos de bordados e pinturas, ensinando e aprendendo com as demais. No grupo focal citado,

durante os encontros, as mulheres, além de aprender a tecer, tecem comentários sobre sua vida, como uma forma de “caminhar para si” (JOSSO, 2004). Ao se perceberem como “quem ensina”, sendo esta uma possibilidade humana de inserir-se no mundo e fazer história (FREIRE, 2004), reconhecem seu inacabamento e notam que ao ensinar, também aprendem.

Mesmo sem referências sistematizadas sobre os modos de ensinar, são capazes de, a partir de outras referências elaborarem pedagogias da não-formalidade. Percebidas por nós, pesquisadoras vindas de uma experiência no campo da pedagogia como uma possibilidade de um campo conceitual a ser elaborado em parceria. As manifestações artísticas dos trabalhos manuais de ambos grupos, frutificam a idéia de que nas “miudezas” do cotidiano, as mulheres consolidam uma epistemologia da vida ordinária, segundo a teóloga feminista Ivone Gebara (2006). Ou seja, um conhecimento que tem como base suas vivências que, não raro, são tidas como insignificantes por quem as vê “de fora”.

No campo da Educação, consideramos relevante um estudo sob este enfoque já que, há muito, é percebida a diversidade de lugares onde é possível ensinar e aprender, para além dos ambientes formais de instrução. Além disto, tendo em vista o caráter social da produção acadêmica, optamos por buscar princípios da pesquisa participante para a execução de tal proposta, além de considerarmos a contribuição de teóric@s da educação, dos estudos feministas e dos estudos da afro-brasilidade.

Por fim, ressaltamos que este trabalho tem se consolidado a partir da minha inserção na Prática de Pesquisa que tem como foco o projeto intitulado “*Tramas do ensinar e do aprender em um atelier de tecelagem na interface com a pedagogia escolar*”, o qual objetiva “analisar os processos metodológicos imbricados na fabricação de peças artesanais de tecelagem e relacioná-los com os processos pedagógicos vividos por professoras e alunas no campo da Educação” (EGGERT, 2007).

Palavras-chave: Educação, Pedagogias, Mulheres negras, trabalho manual.